



A LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA: REFLEXÕES A PARTIR DO *PODCAST* DESENVOLVIDO PELO PET-LETRAS/UFPE

CORDEL LITERATURE IN THE CLASSROOM: REFLECTIONS FROM THE PODCAST DEVELOPED BY PET-LETRAS/UFPE


Laís Santos Honório 1
Nathália Soares de Lima Costa 2
Marcelo Amorim Sibaldo 3

Resumo: Este trabalho tem como objetivo descrever a elaboração do episódio “A literatura de cordel em sala de aula”, o qual faz parte do Podcast do Programa de Educação Tutorial (PET-Letras) da Universidade Federal de Pernambuco, veiculado no canal do YouTube do Grupo, o *Parafraseando*. Visamos a refletir sobre o lugar da literatura de cordel em sala de aula, relacionando a fala do entrevistado, o professor Hélder Pinheiro (UFCG), às teorias sobre poesia na sala de aula, a fim de que seja apresentada a metodologia para a construção desse tipo de ação de extensão que vem dando bons resultados. É interessante pontuar, ainda, que a construção do podcast advém da necessidade que o grupo teve de continuar suas atividades de extensão frente à pandemia do novo coronavírus.

Palavras-chave: Cordel. Extensão. Podcast.

Abstract: This paper aims to describe the elaboration of the episode “Cordel literature in the classroom”, which is part of the Tutorial Education Program (PET-Letras) Podcast of the Federal University of Pernambuco, broadcast on the Group’s YouTube channel, the *Parafraseando*. We aim to reflect on the place of cordel literature in the classroom, relating the speech of the interviewee, Professor Hélder Pinheiro (UFCG), to theories about poetry in the classroom, in order to present the methodology for the construction of this type of extension action that has been giving good results. It is also interesting to point out that the construction of the podcast comes from the need that the group had to continue its outreach activities in the face of the new coronavirus pandemic.

Keywords: Cordel. Extension. Podcast.

-
- 1 Licenciada em Letras – Português, Universidade Federal de Pernambuco. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2349663136483330>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2470-0709>. E-mail: laissantoshonorio@gmail.com
 - 2 Licenciada em Letras – Português, Universidade Federal de Pernambuco. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7794971336828426>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6954-8440>. E-mail: soaresnathalia39@gmail.com
 - 3 Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9266986050884432> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2119-8899>. E-mail: marcelo.sibaldo@ufpe.br
- 

Introdução

Os *podcasts* do PET-Letras/UFPE compõem o projeto do canal do *YouTube*¹ do Programa de Educação Tutorial de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, denominado *Parafraseando*, que, além dos *podcasts*, traz outros projetos do Grupo contendo conteúdo da área de Letras. Tais *podcasts* são produzidos pelos petianos, alunos de licenciandos de diversos cursos de Letras (português, inglês, francês, espanhol, libras) tutoriados por um professor do Departamento de Letras da referida Instituição, e têm como objetivo difundir e ampliar, de forma objetiva, dinâmica e descomplicada, conhecimentos concernentes à área de Letras, contando com a participação dos mais renomados especialistas do Brasil nas áreas de Linguística, Literatura e Educação.

Lançado em meados do ano de 2020, período de reclusão devido à pandemia de Covid-19, o projeto *Parafraseando* teve e ainda tem grande importância como um rico material para estudantes da graduação e pós-graduação em Letras e interessados na área de todo o país, com o seu formato *on-line* e com a acessibilidade para pessoas surdas, uma vez que todo conteúdo do *podcast* é traduzido para libras, a língua brasileira de sinais.

O objetivo deste trabalho é apresentar o passo-a-passo para a realização do episódio do episódio “A literatura de cordel em sala de aula”, a fim de inventariar a metodologia utilizada no *Parafraseando* e, além disso, para que essa metodologia possa ser utilizada e difundida em outras ações de extensão ou, ainda, que possa ser comparada com outras metodologias para que sejam ampliadas e melhoradas as possibilidades de se fazer ações de extensão com a explicitada aqui.² Cumpre destacar, também, a discussão aqui trazida sobre o caráter teórico-metodológico específico adotado aqui para o ensino de literatura na educação básica, o que contribuirá enormemente, a nosso ver, para o fazer docente de professores da educação básica ou em formação.

O episódio “A literatura de cordel em sala de aula” realizou-se com o professor e pesquisador Hélder Pinheiro, pós-doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais e atual professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Campina Grande, profundo conhecedor das teorias da Literatura, sobretudo das metodologias para o ensino-aprendizagem de Literatura na educação básica. A elaboração de tal episódio constitui o foco do presente trabalho, no qual será feito um relato da conversa com o docente relacionando-a às teorias sobre poesia na sala de aula.

Sabemos que a literatura de cordel constitui um rico registro da cultura popular nordestina, carrega aspectos do cotidiano e tem forte relação com a oralidade. Mesmo sendo tão importante, será que ela é abordada em sala de aula? Quando abordada, o trabalho se torna mais social e histórico do que, de fato, literário? Perguntas como essas foram trazidas para o episódio em questão. Além disso, buscou-se compreender questões como a receptividade da literatura de cordel, sua origem, o estudo do cordel em sala de aula, bem como o seu caráter interdisciplinar. A fim de mobilizar as questões relacionadas a extensão universitária com as teorias da literatura contemporâneas, amparamos nossas reflexões em Brasil (2001), Sousa (2014), Pinheiro (2018), Porto (2009) e Zilberman (2012).

O presente artigo está dividido da seguinte forma: na próxima seção, apresentaremos, de forma geral, como organizamos metodologicamente para que o *podcast* fosse gravado; na terceira seção, traremos as fundamentações da literatura aplicada ao ensino, cujas assunções tivemos que nos apropriar para entrevistar o professor convidado; na quarta seção, exporemos os resultados da entrevista e da gravação do *podcast* em si, ressaltando a importância de tal ação para os professores da educação básica; por fim, nas considerações finais, retomaremos as questões acerca da importância dessa ação para a formação dos alunos de graduação, executores desta atividade, e do público do *podcast* em geral.

1 Cumpre mencionar que, além do vídeo com tradução para libras, disponível no *YouTube*, o *podcast*, em sua versão somente áudio, pode ser acessado em outros programas de streaming, como o *Spotify* e o *CastBox*, por exemplo.

2 Sendo assim, os resultados quantitativos e qualitativos advindos da exposição do referido episódio somente serão explicitados em trabalho posterior somente, uma vez que não temos espaço aqui para fazê-lo.

Metodologia

Desde o ano de 2019, o PET-Letras/UFPE³ planejava uma forma de tornar as práticas acadêmicas mais acessíveis para surdos. Em 2020, a necessidade de desenvolver alguma ação de extensão no formato *on-line* se mostrou emergente devido à pandemia e o contexto de isolamento social. Em uma das reuniões do grupo, surgiu a ideia de produzir *podcasts* das três áreas que embasam o curso de Licenciatura em Letras: Linguística, Literatura e Educação.

A ideia era que se fizesse um *brainstorm* nas reuniões ordinárias do grupo com ideias de temas que poderiam ser contemplados numa primeira temporada dos *podcasts*. Após isso, houve a escolha e votação de possíveis nomes do canal de *YouTube* que abrigaria os *podcasts* e outros projetos de extensão do Grupo. O canal foi “batizado” de *Parafraseando* e, logo em seguida, a equipe de criação desenvolveu a identidade visual que entendeu necessária para a proposta. A partir dos temas sugeridos e votados no *brainstorm*, o grupo se organizou em duplas e se dividiram a partir desses temas, fazendo pesquisa pelo Currículo *Lattes* de pesquisadores renomados no Brasil que trabalhassem com as temáticas e convidando-os para o bate-papo. Foram convidados professores e pesquisadores de todo o país, nomes renomados internacionalmente e de diversas Instituições de Ensino Superior do Brasil para contribuir com o *podcast*.

Especificamente falando em relação ao *podcast* aqui relatado, cujo tema é “A literatura de cordel em sala de aula”, as alunas responsáveis elaboraram o seguinte questionário como guia da entrevista e convidaram o Prof. Dr. Hélder Pinheiro (UFCG), que aceitou prontamente participar da entrevista:

Quadro 1. Perguntas da entrevista

1. O que é cordel? Qual a origem do Cordel? E qual o objetivo da sua criação?
2. Quais aspectos caracterizam o Cordel como um gênero literário?
3. Como utilizar esse gênero em sala de aula? Qual a melhor maneira de mostrar ao aluno a sua relação com a literatura? E quais são as maiores dificuldades que se têm ao tentar introduzir o Cordel nas aulas de Literatura?
4. Além da Literatura, você considera que o Cordel pode estabelecer relação com outras disciplinas? De que forma?
5. A literatura de Cordel é rica em valores da cultura popular nordestina. Qual a importância desse contato para a formação cultural de nossos alunos?
6. Tendo em vista que o cordel tem como base a oralidade, o ritmo e a versificação, como o seu estudo pode auxiliar no trabalho com os pilares do ensino de língua portuguesa (oralidade, leitura, escrita e análise linguística)?
7. Você acredita que a literatura de cordel é bem trabalhada nas escolas? Ela tem um bom espaço na educação básica? Se não, por quê?
8. A xilogravura é um componente importante nos cordéis. Ela sempre esteve presente? Poderia falar um pouco sobre isso?
9. Poderia nos dar dicas de alguns cordéis?
10. Tem alguma questão que não perguntamos, mas o senhor acha importante discutir? Qual?

É importante mencionar que, além das perguntas preparadas previamente e arroladas acima, outras questões que se tornaram pertinentes nos momentos da discussão foram incorporadas, principalmente, quando um tema ou assunto que carecesse de maior explicação para o público em geral surgia, a fim de tornar a entrevista mais acessível.

Gravadas as entrevistas por meio do *Google Meet* e *softwares* de captura de tela (como o *OBS Studio*, por exemplo), o grupo passou para a elaboração da parte de pós-produção do conteúdo audiovisual. Os petianos acrescentaram à sua equipe um grupo composto por três intérpretes de

³ É importante pontuar que o grupo PET-Letras/UFPE é composto por um professor tutor e 18 estudantes dos cursos de Licenciatura em Letras, divididos em diversas comissões internas (divulgação dos eventos e projetos, comunicação, arte etc.).

libras (houve uma seleção através de um edital específico da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEXC) para tornar o *podcast* acessível aos surdos. Também houve uma divisão interna entre os petianos para tratar da edição de som/vídeo; os procedimentos de áudio foram feitos pelo *Audacity*, e a edição de vídeo pelo *Sony Vegas*. Ao fim desse primeiro processo, o conteúdo foi enviado aos intérpretes para que estes pudessem trabalhar com a tradução para libras. Após a tradução, o conteúdo voltou à edição de vídeo para que fossem incluídas as filmagens das interpretações na versão final do vídeo. Em seguida, no processo de postagem, os vídeos interpretados eram publicados no *YouTube*, enquanto os áudios dos episódios eram publicados no *Spotify* e no *Castbox*.

É importante destacar que o grupo teve o cuidado de disponibilizar (sempre que possível) referências científicas, nas descrições dos vídeos, relativas ao tema abordado no episódio em questão. Em momentos pontuais, o grupo também disponibilizou formulários de avaliação que, juntamente com as estatísticas de avaliação das próprias redes sociais, demonstraram larga aprovação e engajamento do público para com o conteúdo criado. Ademais, o perfil do PET-Letras/UFPE no Instagram (@petletrasufpe) trabalhou em comunhão com a produção das demais redes, sempre divulgando o conteúdo em prol do crescimento do projeto.

Por fim, após decidir o tema e o docente para a gravação do Podcast, as duplas elaboraram um questionário para conduzir a entrevista. Foram priorizadas, inicialmente, questões que introduzissem qualquer ouvinte ao assunto, sem, necessariamente, ter acesso a estudos mais aprofundados teórica e metodologicamente falando, a fim de que o *podcast* pudesse ser de divulgação científica e que qualquer pessoa interessada no tema pudesse ter acesso, tanto pessoas surdas quanto ouvintes.

Fundamentação teórica

Para que pudéssemos elaborar as questões para o nosso convidado, foi necessária a leitura de diversos textos que abordassem o tema em questão, a saber, o gênero cordel e a sua contribuição para seu ensino na educação básica. Nesta seção, teremos, como objetivo, discorrer sobre o embasamento para a entrevista do Professor Hélder.

Durante a sua formação escolar, o aluno normalmente tem mais contato com textos em prosa do que em verso. De acordo com um levantamento bibliográfico feito por Pinheiro (2018), a leitura de poesia ocupa entre o terceiro e o sexto lugar quando se fala em interesse dos jovens pela leitura. Tais dados demonstram um distanciamento entre a escola e o texto em prosa, tendo em vista que, desde o ensino fundamental observam-se dificuldades com relação ao trabalho com a poesia, tais dificuldades são: como interpretar as metáforas? Como ler em voz alta? Como analisá-lo? Essas dificuldades certamente seriam melhor solucionadas caso os próprios docentes lessem mais o gênero (PINHEIRO, 2018).

Uma pesquisa feita pelo professor Hélder Pinheiro em séries iniciais do ensino fundamental de escolas particulares de Campina Grande, na Paraíba, mostra que “num universo de 48 obras indicadas, 22 são paradidáticas, isto é, voltadas para apoio aos conteúdos escolares, com apenas 2 em verso.” (PINHEIRO, 2018, p. 13).

A escolha dos textos a serem trabalhados em sala de aula deve passar por certos critérios estéticos, afinal, não devemos trabalhar qualquer texto e de forma desordenada; é preciso considerar os interesses pessoais da turma, a idade dos discentes, suas práticas de leitura ou a ausência delas em seu cotidiano. É necessário, ainda, um olhar crítico acerca de como a poesia circula nos livros didáticos; não é raro encontrarmos atividades em que é cobrada do aluno a escrita de um poema, como se o ato de criar literatura fosse mera junção de palavras combinadas pela rima. Como aponta Pinheiro (2018), “Não podemos cair no didatismo e no moralismo que sobrepõem valores preestabelecidos à qualidade estética”.

A literatura enquanto objeto de contemplação artística tem perdido cada dia mais o seu espaço nas escolas, e isso está ligado a inúmeros fatores, como o modelo de ensino voltado à aprovação no vestibular; a maior valorização da gramática em detrimento da literatura nas aulas de língua portuguesa; e, principalmente, a visão utilitarista da língua e da literatura. É necessário refletir: é raro encontrar, nas aulas de português, práticas de leitura de um poema simplesmente

pela sua leitura, pela apreciação; as discussões não são sobre as impressões que o texto literário deixou nos alunos, mas são voltadas a interpretações do tipo “o que o autor quis dizer com isso?”. As análises, por sua vez, reduzem-se às características do período literário no qual o autor se insere. É necessário compreender que não são necessárias práticas extraordinárias para se trabalhar bem um texto literário. Segundo Pinheiro (2018, p. 16):

Bons poemas, oferecidos constantemente (imaginamos pelo menos uma vez por semana ler um poema com os alunos, sem nenhum objetivo pragmático), mesmo que para alunos refratários (por não estarem acostumados a esse tipo de prática), têm eficácia educativa insubstituível.

Para uma atividade efetiva com a literatura em sala de aula, mais especificamente, com poemas, é de extrema importância que o professor seja um leitor com uma experiência significativa de leitura, o que não quer dizer que o docente precisa ser um erudito, mas que ele tenha a capacidade de ler uma obra de forma aprofundada, tenha conhecimento sobre os principais poemas de determinados autores e possua sensibilidade para a linguagem poética (PINHEIRO, 2018). A respeito desse último atributo, compreendemos que

Um professor que não seja capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará, na prática, que a poesia vale a pena, que a experiência simbólica consensada naquelas palavras é essencial em sua vida. Sem um mínimo de entusiasmo, dificilmente poderemos sensibilizar nossos alunos para a riqueza semântica da poesia (PINHEIRO, 2018, p. 22).

A literatura de cordel chega ao Brasil por intermédio dos portugueses e permanece até hoje na região Nordeste, tomando a forma de uma literatura confeccionada pelo povo e para o povo, com características próprias, possuindo seus próprios clássicos e autores. Um dos traços mais marcantes desse gênero é o fato de ser um tipo de poesia narrativa e de caráter popular, uma vez que os cordelistas contam, por meio dos versos, as histórias com riquezas de detalhes. Apesar dessa riqueza de características, que poderiam ser discutidas na educação básica, o cordel não possui tanto espaço nas salas de aula.

O contato com a literatura de cordel desperta no aluno o interesse em estudar e conhecer mais sobre sua própria cultura por meio do regionalismo presente nos cordéis. A riqueza da literatura de cordel permite várias possibilidades de trabalho como produção textual, análise linguística, criação de arte e cultura e conhecimento de história. Deve-se levar em conta, ainda, o estímulo à leitura, a adequação da escrita e o aumento da criatividade despertada no aluno.

Sendo assim, a presença dessa literatura na sala de aula demonstra a riqueza dessa produção cultural e aguça a reflexão acerca dos problemas presentes na sociedade em relação a questões regionais. Dessa forma, a literatura de cordel é um forte elemento para desenvolver no aluno um olhar mais apurado no tocante às formas de construção e historicidade da literatura.

Sobre isto, Zilberman (2012, p. 13) afirma que a literatura

[...] sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou as mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

Sabe-se que o sujeito se desenvolve por meio das práticas da linguagem e, por isso, é necessário que os estudantes tenham acesso a conteúdos que ampliem seu horizonte linguístico.

A escola deve propor aos discentes um ensino que estimule os saberes que envolvem a linguagem. Organizando, assim, a linguagem pode-se chegar à autonomia do sujeito. E, no que diz respeito a esta autonomia, a literatura de cordel marca o reconhecimento da cultura nordestina e é uma forte aliada da valorização das variantes linguísticas que estão presentes no discurso do homem do Nordeste.

De acordo com Brasil (2001), a escola precisa deixar de lado alguns mitos, como a existência de uma única forma de falar. As instituições devem valorizar a regionalidade do aluno inserindo, na sala de aula, elementos que representem a sua cultura. Portanto, a inserção do cordel no ambiente educativo deve abordar a narrativa sociocultural, tanto em sua modalidade escrita quanto em sua modalidade oral.

Outro ponto a ser destacado a respeito desta literatura é a sua interdisciplinaridade. O cordel pode servir como uma ponte entre as áreas da educação: artes plásticas, música, teatro, língua portuguesa, história, sociologia etc. Discutir o cordel em sala de aula implica mostrar a vitalização do gênero cultural como ferramenta didática na educação. Neste ínterim, o professor pode estabelecer um elo entre os educandos e a cultura popular brasileira por vezes inexistente na educação.

Tem-se conhecimento que a oralidade é um dos eixos da língua que dificilmente são bem trabalhados na escola. O gênero cordel possibilita o trabalho com as duas modalidades da língua, facilitando a compreensão do aluno acerca do uso do idioma em situações distintas. Segundo Porto (2009, p.22)

[...] No processo de ensino-aprendizagem da língua, o professor deve promover situações que incentivem os alunos a falar, a expor e debater suas ideias, percebendo, nos diferentes discursos, diferentes intenções. Deve promover ainda atividades que possibilitem ao aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente. [...] o professor deve planejar e desenvolver um trabalho com a oralidade[...].

A literatura de cordel facilita a desenvoltura e o aprendizado da oralidade devido ao seu ritmo e à sua aproximação da poesia popular com os acontecimentos reais e por ter uma linguagem coloquial, próxima do cotidiano do aluno. Ademais, a leitura oral de cordéis permite ainda que os discentes contemplem a beleza da cultura popular por meio da experiência concreta de leitura das mais variadas obras em vez de se apegar aos modelos teóricos que futuramente são facilmente confrontados com outros estudos.

Na próxima seção, exploraremos todas essas questões teórico-metodológicas na execução da gravação do *podcast* em si, apresentando os fatos que aprendemos nessa empreitada e, ainda, trazendo os pontos positivos em se trabalhar esses aspectos em um projeto de extensão.

Considerações a partir do diálogo com o professor Hélder Pinheiro: aspectos metodológicos e práticos do cordel em sala de aula

Como explicitado na seção anterior, nesta seção, iremos expor as questões que foram tratadas no *podcast* “Parafraseando”, episódio “O que é cordel?”⁴, cujo entrevistado, o Prof. Dr. Hélder Pinheiro (UFCG), expõe de maneira clara e objetiva algumas formas de se trabalhar a literatura de cordel na educação básica, como forma de atender as diretrizes expostas nos documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo. Dessa forma, entendendo que há uma grande lacuna entre os saberes mobilizados na Universidade e na Educação Básica, percebemos que essa ação de extensão universitária atinge um de seus objetivos que é de levar à comunidade o que se tem trabalhado dentro da Universidade, a fim de dirimir problemas sociais.

Como discutido pelo nosso convidado, o termo “literatura de cordel” é relativamente recente entre os brasileiros. Trata-se de uma denominação portuguesa que foi ambientada no Brasil por meio de pesquisadores como Câmara Cascudo. Foi a partir dos anos 60 que esse termo se

4 O episódio em questão pode ser assistido/ouvido pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=3Gt6wI4YqAY>

tornou homogêneo em terras brasileiras; anteriormente, essa literatura era chamada de folhetins ou romances e era vendida em feiras por ambulantes. O cordel surge de uma tradição oral de contar história. Em Portugal, não era produzida necessariamente em verso; já no Brasil sofreu influência da cantoria de viola.

Há uma polêmica a respeito da concepção do cordel enquanto gênero literário; alguns estudiosos preferem encarar esse texto como uma forma editorial. Entretanto, há no cordel os elementos próprios da narrativa, o que o caracteriza, sim, como um gênero literário. No gênero em questão, os elementos da prosa são narrados em verso, unindo, portanto, dimensões da prosa e da poesia. No que se refere ao assunto abordado, existem três caminhos temáticos da literatura de cordel: o ciclo do cangaço, o ciclo religioso e o ciclo dos animais.

Atualmente, os cordéis veiculam assuntos como prevenção de doenças e problemas sociais; e muitas vezes são levados para a sala de aula com o intuito de servir de base para discussão desses assuntos, além de serem muito utilizados para o estudo de gramática. Esse trabalho pragmático com o cordel empobrece o gênero, pois não explora as suas características e enredo. O problema em se trabalhar o cordel em sala de aula já surge na formação dos professores, tendo em vista que os cursos de Letras não oferecem sequer uma disciplina voltada ao gênero, o que demonstra certo preconceito da academia com as produções literárias populares.

É válido ressaltar o caráter interdisciplinar da literatura de cordel; ela conversa com todos os saberes. Há, por exemplo, cordéis do Patativa do Assaré e do Leandro Gomes de Barros sobre a seca, os quais podem ser relacionados à disciplina de geografia; há cordéis que abordam os milagres do Padre Cícero, os quais podem ser atrelados à disciplina de história, por exemplo. Os folhetos, quando levados para a sala de aula, devem ser vistos como material complementar e não como uma mera cartilha e, portanto, devem ser devidamente discutidos.

Ainda de acordo com o Prof. Hélder, sabe-se ainda que a escola não cultiva os gêneros orais de maneira geral. Quando há o trabalho com a oralidade é geralmente na época do Folclore. A literatura é uma experiência humana e cultural, não está detida em uma única época do ano. Os versos do cordel estão relacionados com a experiência de mundo, com a observação que o cordelista traz da sua realidade e da natureza. Não há como enxergar o cordel como algo exótico.

Outro ponto importante é a relação que o cordel tem com a língua portuguesa. Os traços de oralidade presentes nas obras são uma riqueza para estudar o ritmo e a versificação. Em se tratando da língua materna, tudo começa com o ato de ler. O valor está em ler bastante o folheto em sala de aula, nas relações com outras obras e com a vida. É importante discutir esses aspectos com os alunos. A inquietação causada pela leitura é o contato real com a literatura.

Dessa forma, o ensino de língua e de literatura não seria empobrecedor. A forma que os livros didáticos abordam os textos literários, por exemplo, são extremamente simplistas e reducionistas. Dar aula de dígrafo e escolher um texto literário para que o aluno encontre esta categoria é um “destrabalho”. Isto não é estudar literatura — muito menos literatura oral. Uma questão que fica claro nessa exposição é a de que a escola precisa ressignificar o ensino de língua e literatura.

Outro fato a ser relacionado com o cordel é a xilogravura — que é mais antiga que o cordel, propriamente dito. Os folhetos publicados nas duas primeiras décadas do século XX não possuem xilogravuras, suas capas eram ilustradas apenas com vinhetas. Esta arte foi incrementada ao cordel devido à necessidade: os cordelistas precisam de um material acessível para tornar os folhetos mais artísticos do ponto de vista visual. Com essas palavras, podemos entender que a xilogravura poderia também ser um material interessante para se levar para a sala de aula e, assim, poder se fazer interdisciplinaridade com as disciplinas de artes e história, por exemplo.

Para finalizar esta seção, a partir das colocações do nosso convidado, chamamos atenção do leitor para o fato de que um modo de conhecer o Cordel é começar pelos clássicos. Um grande nome é o Leandro de Barros. Ele é base dos cordéis clássicos. Algumas obras suas são *O dinheiro*, *O cachorro dos mortos*, *A donzela Teodora*, *Juvenal e o dragão*. Todas as grandes obras bebem da fonte deste autor. Como autor contemporâneo, tem-se Antônio Francisco, que no folheto *A arca de Noé* recria a história. Hoje, há academias de poetas populares da Literatura de Cordel.

Considerações Finais

Diante do exposto, é importante pontuar o quão pertinente pode ser a execução de uma ação de extensão que traga a discussão sobre a literatura de cordel, a fim de que professores da educação básica e professores em formação conheçam possibilidades e temáticas a se trabalhar com esse tipo de literatura, pois, como se defendeu aqui, pode-se perceber que o cordel é um campo de estudo pedagógico no qual os professores terão subsídios didáticos para trabalhar a língua e a literatura de forma rica, contextualizada e, ainda, de forma interdisciplinar, como amplamente recomendado nos documentos oficiais (como os PCN e a BNCC, por exemplo).

Simultaneamente, é uma oportunidade para que este ramo da literatura popular tenha uma chance de aceitação e valorização; despertando entre as pessoas o gosto pela preservação dos artistas e da cultura nordestina nas escolas. Personagens, fatos e valores esquecidos com o passar do tempo podem ser rapidamente recuperados com o auxílio da literatura de cordel. Temáticas que passariam despercebidas pela ausência de estudo e estímulo podem ser valorizadas e recitadas em voz alta pelos jovens.

Como já visto, por ser uma literatura popular, nota-se que o cordel não é tido como valioso por alguns grupos sociais, uma vez que atinge desde o início a cultura de massa. Mostrando esta realidade aos discentes é trabalhar com a historicidade da literatura e com o desenvolvimento do senso crítico. É essencial, portanto, que as instituições de ensino estejam dispostas a promover um ensino de língua que valorize a cultura e identidade dos alunos, abordando tanto os aspectos da oralidade quanto os da escrita.

Assim, da forma como foi executado nessa ação de extensão, o *podcast* Parafraçando busca atingir as diretrizes para a extensão universitária (FORPROEX, 2012): (i) interação dialógica, (ii) interdisciplinaridade e interprofissionalidade, (iii) indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, (iv) impacto na formação do estudante, e (v) impacto na transformação social.

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade e, acreditamos, o Parafraçando é um instrumento para essa interação.

Referências

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Secretaria da Educação. Brasília: MEC/SEF, 2001.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Gráfica da UFRGS. Porto Alegre, RS, 2012

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymará. 2009.

SOUSA, Maria Ribeiro de. **O cordel na sala de aula: a ressignificação do ensino de língua portuguesa**. Monografia. Paraíba, 2014.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: global, 2012, p.13-19.

Recebido em 16 de junho de 2022.

Aceito em 16 de agosto de 2022.